

# Edward Palmer Thompson e a ação coletiva: primeiras interpretações

João Alfredo Costa de Campos Melo Junior\*

## **Resumo:**

Este artigo tem por finalidade interpretar ações coletivas a partir de dois textos de Edward Palmer Thompson: A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII e a Venda de Esposas. Consubstanciado por essas produções de E. P. Thompson, ao final deste trabalho levanta-se a possibilidade de construção de agendas de pesquisa sobre ações coletivas referenciadas pelas duas publicações do historiador britânico.

**Palavras-chave:** Ações Coletivas; A Economia Moral da Multidão Inglesa no século XVIII; Venda das Esposas; Edward Palmer Thompson.

## Edward Palmer Thompson and Collective Action: Initial Interpretations

## **Abstract:**

This article seeks to interpret collective action through two texts by Edward Palmer Thompson: The Moral Economy of the English Crowd in the Eighteenth Century and Wife Sale. Based on these works by E.P. Thompson, this article ends by considering the possibility of constructing research agendas on the collective action discussion in the two publications by the British historian.

**Keywords:** collective action; The Moral Economy of the English Crown in the Eighteenth Century; Wife Sale; Edward Palmer Thompson.

## Introdução

Pensador de múltiplas facetas, o historiador britânico Edward Thompson caminhou com segurança por diferentes searas intelectuais acadêmicas e por campos de militâncias diversificadas, que abrangiam desde a política partidária chegando à luta anti-nuclear. Todavia, seus trabalhos e pesquisas ligados à cultura popular tradicional, organização social de trabalhadores e trabalhadoras, costumes manifestados na cultura operária do século XVIII e parte do XIX são

---

\* Doutor em Ciências Sociais; com pós-doutorado em Sociologia pela Universidade do Porto. Professor Associado da Universidade Federal de Viçosa, Campus Rio Paranaíba, MG, Brasil. End. eletrônico: joao.melojuniorufv@gmail.com/joao.melo@ufv.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9671-1066>

referenciais para pesquisadores vocacionados para as Ciências Sociais e históricas. Há, no entanto, que ressaltar que a leitura analítica empreendida por E.P. Thompson entendia que o sustentáculo de toda ação coletiva dos movimentos populares e culturais era de base política.

A pretensão deste escrito<sup>1</sup> é traçar um perfil de dois artigos escritos por Thompson: “A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII” e “A Venda de Esposas”, ambos publicados na coletânea *Costumes em Comum: Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*, em 1998, procurando estabelecer coordenadas interpretativas para o entendimento sociológico dos movimentos sociais como ações coletivas.

Por fim, cabe ressaltar que a ideia central do trabalho é apresentar possibilidades hermenêuticas e teóricas que se abrem aos academicamente interessados nos postulados e trabalhos propugnados por Thompson.

### **Possibilidades hermenêuticas: A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII**

Na tentativa de compreensão mais acurada, os dois textos serão analisados em momentos distintos. Em primeiro lugar será trabalhado “A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII” e logo em seguida “A Venda de Esposas”. Os dois estudos trazem como cerne, de maneiras diferentes, os costumes das classes populares em suas diferentes manifestações. O autor alerta de imediato que os costumes das classes trabalhadoras eram formas de reivindicações políticas, sociais e de direitos civis.

“A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII” foi publicado originalmente em 1979 e reunida no livro “Costumes em Comum. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional” lançado, em 1998. Este livro nasceu de uma constatação: a utilização do termo “turba” não conseguia definir plenamente as ações coletivas de levantes populares contra a carestia e alto valor dos alimentos. Thompson entendia que a denominação “motim” ou “motins da fome” carecia de precisão teórica. Ao lançar mão das expressões com mais rigor, os holofotes, de acordo com o historiador, voltavam-se para gente simples perspectivando esta última como agente histórico. Por sua vez, turba remetia aos movimentos involuntários e sem quaisquer elementos de auto-organização, portanto sem consciência dos atos e de seus efeitos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto de investigação de Pós-Doutoramento em Sociologia junto ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com supervisão do Professor Doutor Virgílio Borges Pereira.

<sup>2</sup> E.P. Thompson afirma que parte de historiadores e cientistas sociais britânicos que têm como foco empírico as pesquisas sobre as ações coletivas populares ainda as entendiam como movimentos que aconteciam de modo espasmado e sem nenhuma organização pretérita.

Os trabalhos e as pesquisas que caminhavam pela trilha tradicional refletiam as ações coletivas de modo bastante superficial, ao tratarem das ações populares contrárias à carestia e ao aumento abusivo dos preços dos grãos e de seus derivados como atos de banditismo e degeneração social. Outros partiam do pressuposto de que a causa primeira era a fome, fato que servia de gatilho para as explosões populares que levavam à pilhagem de celeiros e armazéns. No entendimento de Thompson, estes movimentos eram primários, sem consciência de classe e imediatistas, assentando-se no tripé: “elementar-instintivo-fome” (Thompson, 1998). Nestes casos, não há ação coletiva estruturada, uma vez que não há o estabelecimento da consciência de classe.

As pesquisas ditas tradicionais utilizavam como suporte teórico-metodológico a História Econômica, em detrimento da História Social, para analisar as ações coletivas de “motins da fome” na Inglaterra do século XVIII. A severa crítica levantada por Thompson revela que a História Econômica, ao quantificar os movimentos sociais contra a carestia, partia de um pressuposto simplista: o aumento do índice de desemprego acrescido da majoração do valor dos alimentos impactava fortemente na progressão exponencial dos motins de fome e saques. Com uma sagacidade irônica e mordaz, Thompson arremata: “Isso contém uma verdade óbvia: as pessoas protestam quando estão com fome” (1998, p. 151).

Aqueles sociólogos e historiadores que se aventurassem nos estudos sobre as ações coletivas e os “motins da fome”, olhando o fenômeno somente pela ótica econômica, correriam o real risco de uma debilidade reducionista e estéril:

Um número muito grande de nossos historiadores do crescimento incorre num reducionismo econômico crasso, obliterando as complexidades da motivação, comportamento crasso, obliterando as complexidades da motivação, comportamento e função, fato que, se percebessem no trabalho análogo de marxistas, provocaria o seu protesto. A debilidade comum a essas explicações é uma visão redutora do homem econômico (Thompson, 1998, p. 151).

Para Thompon, fica claro que era preciso se opor intelectualmente ao que denominava “visão espasmódica” por não conseguir traduzir em sua amplitude a organização e os esforços de homens e mulheres reais na construção de movimentos sociais contra a carestia e a miséria. De outro ângulo, quando analisados através da metodologia da História Social, os “motins da fome”, que explodiram na Inglaterra do século XVIII, passaram a ser entendidos como ações coletivas complexas e disciplinadas, com objetivos claros e pré-determinados. Não há como negar que o estopim deflagrador dos movimentos sociais era o aumento dos preços dos alimentos associado a outros fatores estruturais.

As práticas danosas de mercado adotadas pelos produtores, comerciantes e até atravessadores com suas práticas ilegítimas nas atividades do mercado do pão, eram o clique para o estabelecimento dos motins e das revoltas populares. Argutamente, Thompson percebia o surgimento dos eventos como constituintes da economia moral dos pobres. A sentença é clara: “O desrespeito a esses pressupostos morais, tanto quanto a privação real, era o motivo habitual para ação direta” (1998, p. 152).

O estabelecimento das ações coletivas relacionadas com os “motins da fome” tinha como ponto nevrálgico a economia moral da multidão que buscava abrigo em ações coletivas organizadas e racionais. Todavia os eventos relacionados com os “motins da fome”, segundo o autor podem ser qualificados como políticos, uma vez que eram formas de ação popular direta, disciplinada e com objetivos claros. Ao mesmo tempo, bastante complexos, em função das peculiaridades das ações sociais. Este misto de possibilidades acontecia em razão da realidade concreta e social que diuturnamente se apresentava com uma configuração multiforme. Ainda assim, a chave central das ações coletivas era uma luta constante e rotineira em busca do bem-estar comum:

noções que na realidade encontravam algum apoio na tradição paternalista das autoridades; noções que o povo, por sua vez, fazia soar tão alto que as autoridades ficavam, em certa medida, reféns do povo. Assim, essa economia moral não se intrometia apenas nos momentos de perturbação social, mas incidia de forma muito geral sobre o governo e o pensamento do século XVIII. A palavra motim é demasiado pequena para abarcar tudo isso (Thompson, 1998, p. 153).

Em função do vertiginoso melhoramento das condições tecnológicas, houve um considerável avanço agrícola inglês no século XVIII, responsável pelo aumento da produção de grãos e consequentemente de sua distribuição para os diferentes mercados consumidores. Mas, por mais paradoxal que pareça, *o boom* da agricultura da Inglaterra gerou aumentos exorbitantes nos preços dos grãos e de seus derivados e, por consequência, a exclusão das classes pobres do acesso a esses produtos e alimentos. O resultado imediato desse processo foi a explosão ruidosa da população pobre através dos “motins da fome”. As “insurreições” ou “levantes dos pobres” (Thompson, 1998), tornaram-se corriqueiros<sup>3</sup>.

As ações coletivas organizadas pela gente comum tinham como objetivo quebrar o mercado constituído da venda de trigo e pães, considerado abusivo e irracional, já que os preços das mercadorias oscilavam de acordo com o humor dos fazendeiros, atravessadores e comerciantes. Ao destruírem o mercado de

---

<sup>3</sup> Thompson faz o levantamento sobre a ocorrência dos levantes ao longo dos anos “de 1709, 1740, 1756-7, 1766-7, 1782, e sobretudo de 1795 e 1800-1” (1998, p. 153).

alimentos, o objetivo era fixar o preço do pão em um “patamar popular”, o que levaria à quebra das fortunas dos capitalistas e donos das produções. Há que ressaltar que a base sólida das finanças dos endinheirados assentava na venda de cereais, carnes e produtos associados. As quebras e os atritos no seio do mercado impactavam fortemente nos produtores, mas também em toda a Inglaterra.

Embora fosse parte importante da alimentação dos pobres, e talvez um dos seus alimentos mais consumidos, o pão não era feito totalmente de trigo; em sua composição vinham cevada e aveia. Sobre este assunto, a explicação encontrada por Thompson organizava-se em duas frentes: os graus de pobreza e as condições ecológicas:

Ainda assim, na década de 1790, os mineiros de estanho da Cornualha se sustentavam principalmente com pão de cevada. Muita farinha de aveia era consumida em Lancashire e Yorkshire -e não apenas pelos pobres. Os relatos de Northumberland divergem, mas aparentemente Newcastle e muitas das aldeias mineiras circundantes tinham a essa altura passado a comer pão de trigo enquanto os campos e as cidades menores subsistiam de farinha de aveia, pão de centeio, maslin ou uma das cevadas e ervilha cinzenta (1998, p. 154).

A citação revela alguns pontos que merecem luz: o pão de trigo era encontrado nas localidades e cidades maiores, em detrimento dos locais menores, onde o pão era feito de farinhas escuras e elementos pouco nobres. A constatação é óbvia: o pão branco e seus ingredientes principais exorbitavam os lucros dos padeiros e dos moleiros que ganhavam muito mais com a venda<sup>4</sup>. Por outro lado, o receio da adulteração de ingredientes rondava as populações mais pobres. A suspeita era que o pão escuro poderia encobrir uma miríade de produtos nocivos à saúde humana:

Nas últimas décadas do século, muitos moleiros adaptaram suas máquinas e suas peneiras de pano, de modo que realmente não podiam preparar a farinha para o pão caseiro intermediário, produzindo apenas as qualidades mais finas de farinha para o pão branco, e o refugio para um pão escuro (que um observador achou tão bolorento, causador de cólicas e pernicioso que punha em risco a saúde (Thompson, 1998, p. 154).

Os relatos documentais indicavam os trabalhadores que consumiam diariamente o pão escuro, com ingredientes sem qualidade, tinham enorme dificuldade física e mental para se concentrar no trabalho e, portanto, realizar

---

<sup>4</sup> O autor argumenta de forma sarcástica que a dificuldade para encontrar bons produtos para a feitura do pão provinha de uma legislação protecionista, que tinha como objetivo de fundo a proibição de que os moleiros e os padeiros auferissem altos lucros com a feitura do pão branco.

com normalidade e eficiência as atividades laborais exigidas. Ademais, sofriam de fraqueza, indigestão, náuseas, entre outras. Os episódios de doença e falta de vigor físico com a ingestão do pão avolumaram-se tanto que, em dezembro de 1880, a “Lei do Pão Preto ou Lei do Veneno” proibia terminante a produção dos pães que usassem quaisquer outras farinhas que não a integral. Porém, mesmo com a proibição alguns moleiros continuavam a vender farinha escura para as camadas pobres. Não há dúvidas de que houve reações imediatas e a violência cresceu exponencialmente. A consequência foi a revogação da lei em menos de dois meses (Thompson, 1998).

O entendimento da “Lei do Pão ou Lei do Veneno” encaixava-se no denominado modelo paternalista, que era o reflexo mais fiel da corrosão das leis estatutárias e do direito consuetudinário e costume. Thompson (1998, p. 155) avalia que o modelo de legislação paternalista explicitava as políticas públicas para as classes populares, bem como as ações governamentais em momentos de emergência durante quase todo século XVIII. A importância central do modelo legislativo paternalista foi a tentativa de organizar as regras do mercado de pão de seus ingredientes. A ideia seria que houvesse uma relação direta entre o produtor e o consumidor final sem intermediários. Em um local público, o agricultor deveria vender seus produtos diretamente para os consumidores. Por lei, os pobres teriam o direito de comprar em primeiro lugar os produtos sempre em pequenas quantidades. Findado o tempo, os consumidores mais abastados e credenciados poderiam realizar suas compras alimentares.

As restrições impostas pelas autoridades não conseguiam conter as ações coletivas contrárias à legislação vigente. A participação de atravessadores e vendedores ambulantes entre outros, minava os mercados públicos construindo enormes fissuras nas tradições paternalistas. O exemplo mais notório de Thompson (1998) eram as vendas por amostragem, que remetiam às antigas práticas comerciais restritivas inglesas do século XVII.

As práticas de vendas por amostragem levaram os grandes fazendeiros a deixar de participar dos postos e mercados de venda para negociarem seus produtos via intermediários em suas propriedades rurais. Já outros não abandonaram completamente as praças de comércio, levando apenas um único produto com a seguinte intenção: “para manter as aparências no mercado e conseguir que o preço fosse estabelecido” (Thompson, 1998, p. 157). Por outro lado, os pequenos fazendeiros continuavam a movimentar com seus cereais os mercados e praças de comércio. A população pobre se sentia “perdida” frente a esse múltiplo cenário:

Os novos procedimentos do mercado eram repetidamente contestados. Em 1710, uma petição em nome dos pobres de Stony Statford (Buckinghamshire) reclama que os agricultores e os negociantes estavam comprando e vendendo

nos pátios das fazendas e em seus celeiros, de modo que os habitantes pobres não podem ter grãos a preços razoáveis para o nosso dinheiro, o que é uma calamidade (1998, p. 157).

Ao que tudo indica, havia suspeitas de transação comercial fraudulenta e de pouca transparência nos trâmites do mercado. O avançar do tempo não dirimiu as reclamações das classes pobres contra as práticas danosas do mercado de grãos e pães, em especial nos longos períodos de carestia. Thompson (1998) comenta que, em regime de urgência durante os intermináveis períodos de escassez ao longo do século XVIII, foram criados os Conselhos Privados com a função essencial de reavivar as antigas legislações que visavam a barrar compras antecipadas e por amostragem. É evidente que a classe rica não aceitava em hipótese alguma as regras impostas pelo governo central.

Do ponto de vista da escolha teórica e metodológica, Thompson elege, com algumas ressalvas, a Escola da Nova Economia Política como a mais apropriada para compreender as políticas públicas de regulamentação do comércio cereais<sup>5</sup>, que buscava suas raízes ancestrais no clássico da humanidade “A Riqueza das Nações” de Adam Smith. A obra e outras da mesma seara traziam propostas radicalmente contrárias à regulamentação paternalista do mercado e das legislações contra as compras por amostragem e antecipadas.

As análises pactuadas pela nova política econômica traziam prioritariamente a liberdade irrestrita do mercado e das transações comerciais. A regulação dos fatores envolvidos seria naturalmente feita pelo mercado. Quaisquer interferências externas poderiam colapsar o mercado, com prejuízos incalculáveis para sua autorregulação. Nesse modelo mercadológico, a figura do intermediário era preponderante para o escoamento saudável dos cereais:

Smith descartava sumariamente os preconceitos contra os que compravam grãos antecipadamente como superstições do nível da bruxaria. A interferência no padrão natural do comércio podia induzir a períodos de escassez local ou desencorajar os agricultores e sua produtividade (Thompson, 1998, p. 163).

As ressalvas levantadas por Thompson a Adam Smith e à Nova Política Econômica assentavam-se nas enormes dificuldades de se comprovar empiricamente que os grandes agricultores e os pequenos teriam as mesmas oportunidades competitivas.

A construção de modelos macro e microeconômicos, sejam tradicionalistas, políticos, paternalistas e outros tantos, é tangível. Mas, é possível fazer a mesma afirmação para a economia moral da multidão? A resposta não é tão simples. Um conjunto de padrões fortemente estabelecidos pela tradição social é um obstáculo de complexa transposição, uma vez que a identificação com as teorias sociológicas sobre a multidão não consegue captar a imensidão de participantes empreendedores de ações coletivas diversificadas, nesse estrondoso e panfletário campo de batalha. O entendimento sobre as dificuldades teóricas e analíticas sobre a constituição de movimentos sociais contra a fome e a carestia recaía sobre seu caráter espontâneo e historicamente circunscrito. Não havia uma causa única para a deflagração das ações sociais. As circunstâncias provocadoras desses acontecimentos variavam de um inocente escárnio, ao roubo de uma carroça contendo mantimentos e grãos:

A ação espontânea e de pequena escala podia nascer de uma vaia ou rezinga ritualizada na frente das lojas de varejo; da interceptação de uma carroça de grãos ou farinha que passava por um centro populoso; ou uma simples reunião de uma multidão ameaçadora (Thompson, 1998, p. 184).

O que há de concreto é que a multidão propositalmente excluía, através de suas ações sociais, a legitimação do modelo paternalista (Thompson, 1998). A economia moral da multidão construía-se como forma de ruptura e alternativa às teses paternalistas. Mostravam-se eficazes, naturais e democráticas, por não existirem lideranças pré-estabelecidas:

Na verdade, o motim da fome não requeria um alto grau de organização. Requeria um consenso de apoio na comunidade e um padrão de ação herdado com seus próprios objetivos e limites. E a persistência dessa forma de ação propõe uma pergunta interessante: até que ponto ela era bem-sucedida, seja em que sentido for? Teria continuada a existir durante tantos anos, na verdade centenas de anos, se repetidamente tivesse deixado de atingir os seus objetivos gerando nada além de alguns moinhos em ruínas e vítimas nos patíbulos? É uma pergunta difícil de responder, mas que precisa de feita (1998, p. 187).

Por fim, continua:

As turbas daquele ano (escreveu) tinham cometido muitos atos de violência, alguns de dissipação e desregramento; e, em outros casos, de coragem, prudência, justiça, além de demonstrarem perseverança em procurar aquilo que professam querer alcançar (Thompson, 1998, p. 202).

Observa-se que Thompson subverte, no mais nobre sentido do termo, o entendimento das teorias econômicas marxistas. Sua leitura buscava comprovar que não há possibilidade de desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo uma transformação cultural. A citação é inequívoca:



Pois não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura. E o desenvolvimento da consciência social, como o desenvolvimento da mente do poeta, jamais pode ser em última análise, planejado (Thompson, 1998, p. 304).

### **Possibilidades hermenêuticas: A Venda das Esposas**

Em suas pesquisas, Thompson colheu e acolheu experiências sociais e culturais de gente comum, sem expressão. Enfim, homens e mulheres frequentemente considerados desinteressantes por uma certa prática historiográfica. Através de suas pesquisas, com erudição e utilizando habilmente metodologias de fronteiras, Thompson trouxe a essência das ações coletivas.

“A Venda de Esposas” é um dos exemplos bem-sucedidos do olhar atento sobre a cultura popular inglesa dos séculos XVII e XVIII. O interesse de Thompson pelo fenômeno histórico da venda de esposas surgiu a partir de uma constatação: existia, até então, um completo hiato acadêmico nas ciências humanas sobre o conhecimento desse processo. Não se encontrava nenhuma pesquisa histórica, sociológica, antropológica relevante sobre tais acontecimentos. A barbaridade do ato, por si só, repulsava os analistas interessados. Aqueles pesquisadores que se aventuravam empiricamente no tema admitiam que a prática era rara e afrontosa (Thompson, 1998).

Um dos primeiros apontamentos sobre a venda de esposas aconteceu no ano de 1878, trazendo à baila pressupostos ligados essencialmente às questões do comportamento. Por outro termo, a prática foi considerada um atentado aos bons costumes e à decência. O texto apregoava que a transação comercial deveria ser abolida uma vez que era “prova de ignorância apatetada e dos sentimentos brutais de parte de nossa população rural” (Thompson, 1998, p. 305):

E o mais importante era repudiar e denunciar a prática, porque os vizinhos continentais da Grã-Bretanha tinham notado os casos fortuitos de venda das esposas, e acreditam seriamente que é um hábito de todas as classes de nosso povo, citando-o constantemente como evidência de nossa civilização inferior.

Apesar de todo o esforço panfletário, o livro conseguiu arrolar somente oito casos entre 1815 e 1839, relatados por publicações de época, jornais entre outros órgãos, sem nenhuma comprovação científica dos relatos e das descrições coletadas<sup>6</sup>. Na medida em que o tempo passou, as análises tornaram-se

---

<sup>6</sup> Sobre as descrições, Thompson (1998, p. 306) relata: “Na primeira metade deste século, a memória histórica geralmente se satisfazia com referências às fortuitas insignificantes em descrições populares dos costumes do povo no século XVIII”.

mais cuidadosas e sofisticadas, levantados estatisticamente os casos das vendas de esposas a partir de uma situação historicamente sustentada em fontes documentais.

A partir de então, estudada como prática cultural, a atividade passou a ser percebida e analisada como constituinte dos costumes populares da gente simples do interior ao longo do século XVIII. Valendo-se da literatura como poderoso instrumento metodológico, Thompson trouxe para os holofotes a novela de Thomas Hardy “The mayor of Casterbridge<sup>7</sup>”, romance que revelou os costumes das classes populares. É exemplar a passagem que faz alusão ao entendimento popular da venda de esposas, ao citar Hardy:

não vejo por que os homens que têm mulheres e já não as querem não devam se ver livres delas, como esses ciganos fazem com os cavalos velhos (...). Por que não deveriam oferecê-las e vendê-las em leilão a homens que estão precisando desse tipo de artigo? (Thompson, 1998, p. 306).

Ao trazer a passagem do romance escrito por Thomas Hardy, Thompson intencionava revelar que a negociação das esposas em leilão público equivalia à venda e à compra de um bem material, como outro qualquer. Sem dúvida, o decurso como um todo era encarado com um ato ignóbil de misoginia e opressão de gênero. Nesse quesito, Thompson já alertava que não eram os clichês que deveriam ser analisados, mas a venda das esposas.

O estímulo já estava posto. Obstinado pelo estudo da cultura popular do século XVIII, Thompson saiu à caça de documentos e casos pertinentes do episódio da venda de esposas. Seu principal objetivo era apresentar análises e resultados seguros referentes à prática cultural em tela.

Com este objetivo, ajudado por alguns colaboradores, a partir dos anos 1960 iniciou a busca e coleta de matéria documental que embasasse uma profunda pesquisa de antropologia histórica. Durante dez anos, portanto até 1970, Thompson preparou diversos esboços, sistematicamente apresentados em conferências na Grã-Bretanha e Estados Unidos. Por volta de 1977 já tinham sido catalogados aproximadamente trezentos episódios, embora afirmasse que aproximadamente cinquenta casos não se sustentavam empiricamente, sendo, portanto, descartados. Porém, devido a compromissos não acadêmicos, não foi possível publicar os resultados de suas pesquisas (Thompson, 1998).

---

<sup>7</sup> “The mayor of Casterbridge”, em português “O Prefeito de Casterbridge: A Vida e a Morte de um Homem de Caráter” (2011). Thomas Hardy (1840-1928) foi um romancista inglês que tinha o pessimismo visceral como marca constituidora de seus romances.

Quando tentou retomar as pesquisas sobre a venda de esposas na Inglaterra no século XVIII, deparou-se com um trabalho etnográfico de mestrado no Departamento de Antropologia Social da Universidade de Oxford<sup>8</sup>, que o levou (em uma análise mais apressada) a imaginar que seu trabalho não teria valor acadêmico suficiente para ser levado adiante.

Os levantamentos estatísticos sobre a venda de esposas não eram suficientemente satisfatórios para a elaboração de perfis completos e minimamente coincidentes; os exemplos levantados pelo historiador revelam que havia inconsistências nas práticas ritualísticas<sup>9</sup> do comércio de esposas na Inglaterra ao longo do século XVIII. Mesmo aqueles casos fartamente documentados apresentavam dificuldades sobre o ritual de venda, pois as especificidades de cada caso, as circunstâncias pessoais e materiais dificultavam a catalogação dos episódios.

A distância geográfica associada aos diferentes costumes culturais demonstrava a dificuldade de sintetizar em um único bloco as ações coletivas ligadas à venda de esposas. O movimento variava de localidade para localidade, revelando as imprecisões dos relatos: “É sempre incerto se os casos relatados são a ponta de um iceberg ou um índice verdadeiro de frequência” (Thompson 1998).

Havia somente um consenso: a venda das esposas era uma atividade que existia nas camadas populares e com mais frequência nas regiões rurais da Inglaterra. Os relatos comprobatórios esclareciam que os envolvidos tinham como ocupação profissões manuais ou subempregos, como: operários, barqueiros, ambulantes e tantos outros (Thompson, 1998). Na tentativa de uma qualificação precisa, construiu uma tabela que designava ocupação, situação de vida, exilados, mendicância, entre outras. Através dos dados apresentados, pode-se considerar que a ação coletiva da venda de esposas encaixava-se fortemente na tradição popular:

No outro extremo, as esposas eram entregues de graça ou por um copo de cerveja; o valor mais baixo negociado foi três farthings. Talvez o preço médio estivesse na faixa de dois xelins e seis pence a cinco xelins, embora muitos exemplos fiquem acima ou abaixo do valor. Mas o marido frequentemente exigia uma tigela de ponche ou um galão de cerveja além do preço da compra, e as vezes algum outro artigo -um relógio de pulso, uma peça de roupa, uma porção de tabaco. Um

---

<sup>8</sup> Thompson reage: “O estudo etnográfico do sr. Menefee foi realizado como dissertação junto ao Departamento de Antropologia Social na Universidade de Oxford, e o assunto talvez tenha chegado ao conhecimento desse departamento quando dei uma palestra sobre o tema num de seus seminários” (1998, p. 307).

<sup>9</sup> A relativa escassez documental e as frágeis evidências não permitiam criar um padrão empírico de tal fenômeno. A explicação pode se assentar no fato de que a venda de esposas, embora organizada em espaço público, era uma situação do mundo privado.

condutor de burros de Westminster vendeu a esposa para outro condutor por treze xelins e um burro. Num caso muito citado em Carlisle (1832), um agricultor, que arrendava 42 acres, vendeu a esposa para um pensionista por vinte xelins e um grande cachorro terra-nova. Ele retirou do pescoço da mulher a corda de palha com que a conduziria ao mercado, e colocando-a ao redor do pescoço de sua nova aquisição, dirigiu-se à taverna mais próxima (Thompson, 1998, p. 314).

A longa citação traz uma constatação: a venda de esposas não era uma ação coletiva inopinada, ao contrário. Havia todo um padrão cerimonial estabelecido, com modalidades que visavam à organização do processo. A primeira estabelecia que a transação deveria ter prévia publicidade em locais públicos e a utilização da corda como instrumento obrigatório. A segunda modalidade admitia a estipulação de um contrato de compra e venda feito perante testemunhas. O ritual deveria ser rápido e a “entrega” da mulher obrigatoriamente deveria ocorrer em uma taberna com público presente:

Dentre meus 218 casos, a venda na praça do mercado é indicada em 121, a venda dentro de uma taverna (perante testemunhas) em dez casos, e um contato privado (sem menção à taverna) em cinco casos. A corda é mencionada em 108 casos, em geral na praça do mercado, mas de vez em quando dentro da taverna. Não há evidência quanto à forma (mercado, taverna ou corda) nos restantes 82 casos (Thompson, 1998, p. 315).

Não há como negar que as regras socialmente estabelecidas para o comércio das esposas lembravam o comércio de animais. O simbolismo era ultrajante, comparava as mulheres a um animal. O processo da venda trazia consigo “elementos cênicos”, como prender a mulher em um curral com animais à venda. Em seguida, passar pelos portões de pedágio com a esposa e depositar no mercado a taxa do imposto pela venda. Não obstante, o teatro precisava continuar com a requisição de alguma pessoa que se travestisse de leiloeiro<sup>10</sup> para realização do ato comercial, na maioria das vezes o esposo assumia com veemência esse papel, em outras situações o mestre de cerimônia poderia ser alguém do status oficial, ou até mesmo um negociante de gados (Thompson, 1998).

O leilão público era o elemento central e constituidor, mas poderiam existir outros conteúdos e formas diferentes, quase sempre aviltantes para as mulheres envolvidas:

O ritual exigia a troca de algum dinheiro. Era em geral um xelim ou mais que isso, embora às vezes se desse menos. O comprador comumente concordava e pagar uma quantidade de bebida além do preço da compra, e às vezes acrescentava-se

---

<sup>10</sup> Fica claro que a venda deveria se construir como um leilão público.

uma soma adicional pela corda. O marido frequentemente devolvia ao comprador uma pequena fração do dinheiro da compra para dar sorte: nisso, as partes seguiam a forma antiga -e ainda em vigor- dos mercados de cavalos e gado, a devolução do dinheiro da sorte (1998, p. 320).

Ao perscrutar a venda de esposas desde os primeiros levantamentos, a intenção de Thompson sempre foi compreender o fenômeno como uma ação coletiva organizada e também desassociar de um ato brutal e animalesco, colocando como um processo de divórcio seguido de um futuro casamento. Caminhando pela ideia de que a prática era um acordo selado em três partes: o marido, a esposa e o futuro consorte, poderia ser identificado e percebido como um ato de querer<sup>11</sup>. O maior exemplo da participação e do entendimento/aceitação da esposa de todas as partes do processo era a prévia aceitação: “Em muitas vendas, mesmo quando havia aparência de leilão aberto e lances públicos, o comprador fora determinado e já era o amante da esposa” (Thompson, 1998, p. 323).

Pela rápida passagem apresentada, pode se depreender algumas informações vitais para o alargamento dessa ação coletiva popular. Houve casos e situações em que as esposas eram negociadas e vendidas em leilão público sob ameaça e coerção, mas a nulidade do negócio ocorria de imediato, uma vez que o ato ia contra as normatizações legais ligadas aos costumes e as tradições populares. Thompson afirma que, através da venda de esposas, tanto homens quanto as mulheres sentiam-se livres para anular o casamento, bem como fazer arranjos próprios para a venda e compra<sup>12</sup> (Thompson, 1998).

A venda de esposas seria a resposta encontrada por casais que vivenciavam a ruína de um casamento já sem sentido para ambos. A eficiência do processo aumentava exponencialmente, na medida em que a pressão da igreja afrouxava e as classes populares assumiam o papel central no processo de separação. Porém, com o abrandamento das autoridades burocráticas, a venda de esposas tornou-se uma prática corriqueira, ainda eu não legalizada.

A partir do século XIX, a prática da venda de esposa foi lentamente entrando em declínio em função das mudanças nos costumes e na moral dos indivíduos, tornando-se bastante circunscrita: “Na década de 1850, a venda da esposa era um resíduo nos bolsões onde a antiga cultura plebeia ainda persistia” (Thompson, 1998, p. 342).

---

<sup>11</sup> Há um entendimento: Thompson não se “filia” à corrente dos trabalhadores como seres alienados e sem quaisquer formas de consciência de si próprios e da realidade histórica que os rodeava.

<sup>12</sup> Thompson fala que, ao cabo, esse processo se caracterizava pela autonomização de mulheres e homens envolvidos.

“A venda de esposas” de Thompson gerou imediatamente inúmeras polêmicas e oposições de diferentes setores, como dos movimentos e organizações feministas, que argumentavam enfurecidamente que as mulheres eram vítimas das ações masculinas e que, ao trazer em tela o episódio da venda das esposas, o historiador reforçava ações sexistas e autoritárias. A resposta de Thompson foi imediata:

A venda da esposa era uma ação possível (ainda que extrema) na política da vida pessoal dos trabalhadores do século XVIII. Sim, as regras dessa política serviam a dominação masculina, embora as mulheres na comunidade fossem as guardiãs particulares das instituições da família. Mas de vez em quando as mulheres pareciam ter dom de alterar os lances em proveito próprio. Não vejo razão para que essa conclusão seja considerada antifeminista.

Há certamente vítimas entre as esposas vendidas, mas muito mais frequentemente que os relatos surgiam a sua independência e vitalidade sexual. As mulheres são descritas como belas, viçosas, de boa aparência, uma garota bonita do campo, ou alguém que estava gostando muito do divertimento e da brincadeira (Thompson, 1998, p.347).

As experiências sociais estudadas por Thompson tinham como pressupostos articuladores as ações coletivas populares. Seus trabalhos abriram caminhos empíricos e teóricos para outros trabalhos e pesquisas sociológicas, antropológicas e históricas que seguiam pela trilha das ações coletivas de movimentos sociais urbanos e rurais.

### **Algumas considerações finais**

A intenção deste artigo foi analisar o conceito de experiência social e suas ações coletivas em Edward Palmer Thompson, com uma análise hermenêutica de dois artigos, distintos e complementares: “A Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII” e “A Venda de Esposas”.

Os escritos foram analisados separadamente para extrair os aspectos da experiência social, como demarcadores centrais das ações coletivas dos movimentos culturais/políticos. Cada um em seu estilo, os trabalhos trouxeram diferentes modulações das ações coletivas organizadas ou espontâneas. Em “Economia Moral da Multidão Inglesa no Século XVIII”, o estopim para as ações coletivas era a alta dos preços dentro de um mercado rural/urbano ainda fragilizado, que vivia à mercê de crises monetárias e violentos “motins da fome”. “A Venda de Esposas” caminha da vida privada no século XVIII, para a transação comercial em espaço público e recheado de testemunhas.

Em ambos escritos, a cultura popular tradicional foi inserida como demarcadora das ações coletivas e das experiências sociais de homens e mulheres “presos” a suas condições sociais. Um dos grandes méritos de Edward Palmer Thompson foi dar voz e movimento a pessoas e eventos até então esquecidos nas macroestruturas sociais e econômicas. Aí está a importância e, acima de tudo, a atualidade do pensamento thompsoniano.

A pertinência dos trabalhos acadêmicos de Thompson para a Sociologia e a História dedicadas aos movimentos sociais, ações coletivas e culturas populares é incontestável, devido à originalidade das abordagens empíricas e teóricas de suas produções sobre as ações populares organizadas ou autônomas. Constatase que sua leitura inovou, ao subverter antigos dogmas marxistas ligados aos monolíticos conceitos que estruturavam os conceitos sociológicos de classe e alienação.

Para Thompson, as experiências sociais dos trabalhadores eram os alicerces que asseguravam as oposições e rejeições aos conceitos teóricos de alienação estrutural desenvolvido por um marxismo tradicional, que não percebia o humano em sua totalidade. A metodologia desenvolvida pelo historiador associou a contínua autoformação de homens e mulheres reais aos percursos históricos e sociais, individuais ou coletivos. Ao retirar das estruturas sociais, Thompson jogou o protagonismo da história para os homens e mulheres reais. O conceito de alienação é algo impensado, uma vez que só pode existir classe social a partir de processos de consciências socioculturais. Portanto, a clássica divisão infraestrutura e superestrutura é estéril, quando fechada em si mesmo.

Ao afirmar que uma “classe não pode existir sem um tipo de consciência de si mesma” (Thompson, 1987) revelou que a classe trabalhadora não é o resultado direto dos processos capitalistas de industrialização, mas fruto dos costumes, das experiências sociais, da cultura e aspectos sociais em que se inseriam. Enfim, percebia as classes sociais como categorias históricas em constante transformação.

A construção de uma agenda de pesquisa influenciada pelas premissas teórico-metodológicas de Thompson revela-se promissora, para artigos, textos, conferências que possuem como substrato as ações coletivas e movimentos sociais em um contexto sócio histórico de ebulição social e cultural, fenômenos que são permeados por historicidades e latências derivadas. As experiências sociais vividas determinam o movimento das ações organizadas por homens e mulheres em condições sociais específicas àquelas condições dialogais entre diferentes cenários sociais, culturais, políticos, econômicos. Neste sentido, é possível pensar pesquisas sobre os movimentos sociais contemporâneos originados de levantes populares ao redor do mundo. Por exemplo: “Coletes Amarelos” em

França, “Movimento Passe Livre” em São Paulo, “Primavera Árabe” e a “Revolta no Chile” e outros. Esses movimentos em suas especificidades apresentam-se como ações coletivas espontâneas a partir da formulação de experiências sociais cotidianas.

Trabalhos acadêmicos e artigos de análise de conjuntura especialmente dedicados ao fenômeno social do movimento Coletes Amarelos (*gilets jaunes movement*), erigem-se pela “lente” de sociólogos e historiadores que recorrem ao método thomposoniano de experiência social como modelo interpretativo. No atual e interessante artigo “A new challenge for democracy”, Jean-Pierre Le Goff (sociólogo associado ao laboratório George Friedmann da Universidade Paris 1) argumentou que os Coletes Amarelos se inscrevem como um novo tipo de movimento social que se organizou “passo a passo” a partir de experiências sociais que gravitavam entorno de preocupações culturais e sociais. Já o historiador e professor (University of North Carolina in Wilmington) especialista em história europeia do século XX, Michael Seidman (2019), argumentou que o movimento dos Coletes Amarelos pode ser compreendido como um conceito moderno e “mais educado” de revolução, que reforçou os franceses como a “linha de frente” das novas experiências sociais dos movimentos políticos populares. Também os trabalhos e pesquisas do sociólogo argentino (professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Austin) Javier Auyero, em particular do seu livro “Poors People`s Politics” (2000) que, seguindo as pistas deixadas por Thompson, analisou o clientelismo político que caracterizava as relações contemporâneas entre a classe política e o “povo pobre”, termo empregado por Auyero, para designar os moradores de uma grande favela de Buenos Aires. As constantes pretensões dos políticos junto aos pobres, e especialmente as percepções das ações sociais dos moradores daquela favela em resposta ao assédio da classe política argentina, são as hipóteses norteadoras do livro.

O conceito de experiência social é a base das análises, ambiente em que as ações coletivas florescem e se estruturam política e socialmente. Caminho também realizado por Jean-Pierre Le Goff, Michael Seidman e Javier Auyero em suas análises de movimentos sociais e pesquisas acadêmicas.

Edward Palmer Thompson é um manancial teórico e empírico. Sem dúvida está inscrito entre os grandes cânones das Ciências Sociais e históricas, servindo de importante referência para sociólogos e historiadores que dedicam suas atividades intelectuais aos estudos sobre movimentos sociais, ações coletivas, culturas populares, educação de adultos, literatura romântica e revolucionária, e tantas outras possibilidades. O caminho está sinalizado, percorramos!



## Referências

- AUYERO, Javier. *Poor People's Politics*. Durham: Duke University Press, 2000.
- FORTES, Alexandre. O processo histórico de formação da classe trabalhadora: algumas considerações. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 59, p. 587- 606, 2016.
- HARDY, Thomas. *O prefeito de Casterbridge: a vida e a morte de um homem de caráter*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2011.
- LE GOFF, Jean Pierre. A new challenge for democracy. *Cairn.Info International Edition*, vol. 3, n. 9, 2019. Disponível em: <https://www.cairn-int.info/dossiers-2019-9-page-1.htm#> Acesso em 12 jan. 2020.
- MELO JÚNIOR, João A. C. C. A noção de Experiência Histórica e Social em Edward Thompson: percursos iniciais. *História e Perspectivas*, Uberlândia: n. 1, ed. Especial, p 393-413, 2014.
- MÜLLER, Ricardo. Exterminismo em E. P. Thompson: Luta de Classes e Humanismo. *Projeto História*, São Paulo, n. 48, p. 01- 36, 2013.
- SEIDMAN Michael. Carte Blanche Given to Michael Seidman. *Cairn.Info International Edition*, vol. 3, n. 9, 2019. Disponível em: <https://www.cairn-int.info/dossiers-2019-9-page-1.htm#> Acesso em 12 jan. 2020.
- THOMPSON, Edward Palmer. Educação e Experiência. In: *Os Românticos. A Inglaterra na Era Revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 11-47, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Costumes em Comum*. Estudos sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A formação da classe operária inglesa* (3 volumes). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.